

## **PREFÁCIO**

Contarmo-nos a nós próprios é de uma profunda riqueza, sobretudo quando isso é feito com base na experiência e no conhecimento forjados na relação com outros que são diferentes de nós, porque tal exige mais de nós, no plano comportamental e nos objetivos que definimos.

Por outras palavras, contarmo-nos a nós próprios permite-nos ir mais longe no autoconhecimento e nas relações com os outros, porque podemos contar com eles ou porque temos histórias para lhes contar. Em ambos os casos, podemos aproximar-nos dos outros ou, com mais rigor, podemos aproximar-nos uns dos outros, o que é essencial, seja para termos vantagens mútuas, seja para procurarmos dirimir conflitos.

Claro está que uma pessoa só se pode contar a si própria no contexto da comunidade política a que pertence ou com a qual se sente identificada. Sendo muitas as pessoas a contarem a sua própria história por referência à comunidade política, esta sai reforçada. E pode até incluir novos membros, com relações de dupla e múltipla pertença (dupla nacionalidade, formas diversas de cidadania, etc.), ou apoiantes, que tão necessários são em momentos difíceis.

Podemos, pois, dizer que uma comunidade política é tanto mais forte quanto os seus membros contam a si próprios e ao mundo histórias relevantes, sejam elas marcadas por vitórias e conquistas ou por derrotas e pelo sofrimento, capazes de atrair boas vontades.

Muitos se lembram da final do Campeonato Europeu de Futebol de 2016, em que Portugal venceu a França. Foi a primeira vez que Portugal ganhou a competição, assim como foi a primeira vez que Portugal ganhou à França numa fase final, com a particularidade de esta ter jogado em casa.

A vitória de Portugal foi o resultado de um longo processo de aprendizagem, num cenário de máxima dificuldade. Para além das qualidades técnicas dos jogadores, a seleção nacional beneficiou do apoio de muitos portugueses e de muitos franceses lusodescendentes residentes em França. E mereceu o elogio e o reconhecimento pela vitória por parte de pessoas em todo o mundo.

O mesmo cenário de apoio à seleção nacional se verificou em outros países onde vivem portugueses, lusodescendentes ou simplesmente amantes de Portugal, da língua portuguesa ou do futebol.

O ideário e o lema olímpicos – “mais rápido, mais alto, mais forte” – faz parte do património não escrito da humanidade, supondo quer a relação competitiva entre pessoas diferentes, quer a sua superação, sendo que esta significa não tanto vencer o outro, mas sobretudo vencer-se a si próprio, fazendo melhor do que já se fez ou fazendo o que nunca se fez. Portugal não só ganhou o Campeonato Europeu de Futebol de 2016 de forma competente, como fez o que nunca antes fizera.

É preciso não esquecer que Portugal, hoje em dia, são os portugueses no mundo. Qualquer jogo das seleções nacionais ou qualquer feito de um português no mundo é relevante, porque é transmitido pelos média e conhecido por todos, influenciando não apenas a forma como os portugueses se veem a si próprios, mas como os outros veem Portugal e os portugueses.

As pessoas ou grupos que não consigam superar-se permanentemente estão condenados à decadência. Ora, a superação supõe relações com outras pessoas, em contextos diversos, da política à economia, da educação à cultura e às artes ou do desporto ao trabalho em geral.

A história dos portugueses como nação de quase nove séculos é feita de relações com outros povos e pessoas e de sucessivos momentos de superação. A fundação de Portugal e a expansão marítima de Quatrocentos, para dar apenas dois exemplos, dependeram de muitas relações e vontades, nos planos político, diplomático, económico, social, tecnológico e cultural.

Muitas vezes, as relações ocorreram no plano dos Estados, mas outras vezes firmaram-se no trabalho e no empenhamento das pessoas certas, que escolheram Portugal para ajudar os portugueses a fazer coisas grandes (mapas, livros, estratégias, pontes, estradas, etc.).

Refiro-me a factos marcantes para a afirmação e consolidação da comunidade política nacional, mas também a momentos negativos, em que a sobrevivência, o prestígio ou a credibilidade do país estiveram em perigo. Tudo isso foi e é fruto de relações cheias consequências.

Mesmo uma guerra, e Portugal enfrentou tantas, pode ser um fator positivo de crescimento, se for contada pelos

próprios protagonistas ou os seus descendentes, sem ressentimentos e com sentido fraterno. Quando pensamos na comunidade de falantes de português no mundo, encontramos ainda hoje pessoas que se digladiaram em África, na que ficou conhecida como Guerra Colonial, e que agora se estimam e comunicam na mesma língua.

Importante é que cada povo ou pessoa saiba evoluir a partir da sua própria circunstância e procurar padrões de convivência elevados e condições de sobrevida com bem-estar, o que, como mostram vários estudos de neurociência, decorre da natureza humana.

Este é um desafio de todos os tempos, mas especialmente do nosso tempo, marcado pela intensificação das relações à escala global. Movemo-nos e relacionamo-nos, porque tal é possível e necessário ao nosso desenvolvimento como pessoas e espécie, sabendo que isso tem implicações gerais.

Na década de 1990, quando me licenciiei, poucos eram os professores de Direito em Portugal que publicavam com os colegas e, muito menos, com os seus orientandos e estudantes. Hoje, exige-se, em todas as áreas do conhecimento, que os investigadores publiquem e, preferencialmente, em conjunto, com pessoas de diversos países e não só com académicos. Publicar é um exercício que exige humildade e disciplina, mas que é essencial ao progresso da ciência. Assim como é imprescindível saber comunicar a ciência de forma a que o cidadão médio entenda o que se diz.

É tudo isso o que fazem Marília Mendes e Maria Ana Ramos, professoras da Universidade de Zurique e autoras do livro *Portugal segundo a Suíça*, que temos nas mãos.

Percebemos que o livro poderia ter sido escrito apenas por uma delas, mas que não seria o mesmo livro e não seria tão bom. Acontece que o livro é bom ainda por outro motivo, que se prende com o anterior. As autoras falam com conhecimento próprio do modo como a Suíça e os suíços olham para Portugal e os portugueses, porque estão profundamente ligadas ao país, em termos profissionais e pessoais.

Sendo propósito da coleção *Portugal em Jogo de Espelhos*, em que se insere a presente publicação, obter informação relevante sobre o modo como outros povos percebem Portugal e os portugueses, e os discursos que produzem nesse sentido, foi decisão editorial que se escolhessem pessoas com conhecimento do objeto de estudo, independentemente da sua nacionalidade.

Neste caso, as autoras fazem uma análise científica rigorosa do tema que lhes foi proposto, visto terem relações significativas com os dois países. Começam por ter um conhecimento pessoal dos seus traços de comportamento como portuguesas na Suíça, mas procuram compreender, com acesso a fontes relevantes que elas próprias foram capazes de selecionar, o que os suíços pensam e dizem de Portugal e dos portugueses.

São assim portuguesas que falam de Portugal na perspetiva dos suíços, com os quais elas mesmas se relacionam e conhecem muitíssimo bem. Podemos ainda dizer que as autoras são partes interessadas no projeto conducente ao livro e que participam ativamente, porque são nele visadas e porque, pela sua experiência, têm uma palavra a dizer.

Quando as autoras, por exemplo, abordam o fenómeno da imigração portuguesa na Suíça ao longo do tempo, não podem deixar de pensar na sua própria situação. Ao contrário da maioria dos portugueses que no passado emigraram para a Suíça, as autoras desempenham trabalho qualificado e estão perfeitamente integradas na sociedade suíça, ao mesmo tempo que fazem parte da comunidade portuguesa no mundo.

Num tempo marcado pela intensificação das relações à escala global, a que me referia há pouco, não só o conhecimento, mas a empatia com o outro é muito importante para garantir relações de qualidade.

A imigração portuguesa na Suíça ocupa um lugar de destaque no livro, mas outros tópicos são abordados.

É de realçar que o interesse dos suíços por Portugal está para além do conhecimento que têm dos portugueses que vivem na Suíça. Embora sejam muito menos os suíços a morarem em Portugal do que os portugueses na Suíça, também existem e têm opiniões sobre o país, além de que há muitos suíços que visitam Portugal em trabalho e em férias. O turismo suíço em Portugal tem já tem muitas décadas – é recordada a aposta de António Ferro, durante o Estado Novo, na atração de turistas suíços para Portugal – e é também abordado na obra.

Estamos perante um livro que se lê com grande interesse e de forma muito fácil. O mérito é das autoras, que são excelentes comunicadoras, que é a melhor expressão da proximidade científica.

Na definição do tempo de análise do estudo, as autoras escolheram a longa duração, a partir dos inícios do séc. XIX, quando Portugal e a Confederação Helvética estabele-

ceram relações políticas e consulares, até praticamente ao tempo presente.

Tratando-se de um livro de pequenas dimensões, as autoras escolheram os tópicos de análise em função de vários tipos de “olhares”, tendo em conta quer a importância das matérias, quer a relevância de quem olha. Assim, o livro é composto por cinco capítulos: 1) “Olhares sobre a imigração”; 2) “Olhares de viajantes”; 3) “Olhares ficcionais”; 4) “Olhares inquietos”; e 5) “Olhares académicos”.

O livro contém ainda bibliografia composta por pouco mais de quatro dezenas de referências, tanto em português como em francês e alemão.

O capítulo 1 é uma excelente introdução à temática das relações decorrentes da imigração portuguesa na Suíça. Ficamos a perceber que o peso significativo dos imigrantes portugueses na Suíça não tem correspondência no seu reconhecimento político e cultural interno. Os portugueses são vistos como bons trabalhadores e honestos, mas com pouca instrução e destinados a profissões humildes. E o mesmo se passa no plano cultural e das atividades económicas. Ao contrário, por exemplo, da cozinha italiana ou da cozinha japonesa, a cozinha portuguesa praticamente não é conhecida, nem integra os hábitos alimentares suíços. Em suma, os portugueses não são particularmente notados pelos suíços, nem por más, nem por boas razões.

No capítulo 2, o maior em tamanho, as autoras mostram como os viajantes suíços, tanto por razões profissionais como de lazer, olham historicamente para Portugal e os portugueses de forma ambivalente, ou seja, como um país e pessoas de grande hospitalidade e prodigali-

dade em relação a quem vem de fora, o que é notável e muito meritório, mas sem a organização, a educação e a sofisticação dos suíços. A sociedade suíça é vista como mais rica e avançada do que a portuguesa e as qualidades dos portugueses são comparadas às qualidades alemãs dos suíços. Os olhares dos viajantes vão ao ponto de comparar a preparação de suíços e portugueses para a vivência democrática, concluindo, se bem que nouro contexto histórico que não o atual, que os portugueses precisam de um governo com forte capacidade de mando, o que é incompatível com a democracia.

Os capítulos 3, 4 e 5 são de dimensões mais reduzidas.

O capítulo 3 aborda especialmente Portugal em vésperas da, e após a, revolução democrática de 1974. É um país em mudança, que concita muita atenção da parte dos suíços, que percebem a importância da trajetória em direção à democracia. No entanto, não deixa de ser surpreendente que, apesar das profundas transformações ocorridas em Portugal depois de 1974, o país continue a ser representado de forma anacrónica pelos suíços.

O capítulo 4, dedicado aos olhares inquietos de alguns autores suíços sobre Portugal, é, de alguma forma, uma continuação do capítulo anterior, mostrando quão atrativo é o caso português para esses autores, que procuram descortinar a alma portuguesa e se interessam profundamente pela realidade do país, a ponto de terem tomado partido em várias situações concretas na história de Portugal das últimas décadas. É de alguma forma a expressão da capacidade de atração de Portugal relativamente aos suíços, o que não deixa de ser relevante, tendo em conta o que se disse até agora.

Finalmente, no capítulo 5, as autoras destacam a importância que o ensino universitário desempenha na defesa e promoção do estudo e do conhecimento de Portugal na Suíça. O capítulo está em linha com os anteriores, ao mostrar-se o interesse de académicos suíços reputados pela língua portuguesa e o seu relacionamento com colegas portugueses e de outros países de língua portuguesa, com implicações em trabalhos produzidos.

Falando de uma realidade que conhecem bem, as autoras refletem sobre a importância da universidade na promoção da língua e cultura portuguesas na Suíça, como forma de aproximação dos dois países, mas também das dificuldades que existem e do trabalho que é necessário fazer para as ultrapassar.

E mais não digo, procurando vivamente despertar no leitor o interesse pelo livro, que só é pequeno em tamanho. Estou certo de que o leitor dará por muito bem utilizado o tempo de leitura.

**João Relvão Caetano**

Universidade Aberta